

## Artigo

### **A representação da Revolução Russa na imprensa socialista italiana**

Tarsila Mei Antunes\*

#### **Resumo**

O presente trabalho propõe uma investigação da perspectiva do Partido Socialista Italiano (PSI) acerca dos eventos ocorridos na Rússia durante 1917, especificamente depois da Revolução de Fevereiro. A análise parte do pressuposto de que, enquanto organização política com forte atuação no cenário italiano e vínculos ideológicos com o socialismo internacional, o PSI acompanhou de forma atenta e interessada o desenrolar da revolução russa, interpretando os acontecimentos à luz de sua própria agenda política, de suas disputas internas e de seus objetivos estratégicos. Busca-se ainda observar como o caso russo foi mobilizado enquanto referência nos debates travados pelo PSI sobre a condução da luta socialista na Itália. Para isso, o trabalho se apoia na análise documental do jornal *Avanti!*. Criado em 1896 pela direção do partido, este se constituiu como um dos principais veículos de propaganda, debate interno e articulação com a base militante, sempre ocupado com o cenário político internacional.

**Palavras-chave:** Revolução Russa. Socialismo. Itália.

#### ***The Representation of the Russian Revolution in the Italian Socialist Press***

#### **Abstract**

This paper proposes an investigation into the perspective of the Italian Socialist Party (PSI) on the events that took place in Russia during 1917, specifically following the February Revolution. The analysis is based on the premise that, as a political organization with a strong presence in the Italian political landscape and ideological ties to international socialism, the PSI closely and attentively followed the unfolding of the Russian Revolution, interpreting its developments through the lens of its own political agenda, internal disputes, and strategic objectives. The study also aims to observe how the Russian case was mobilized as a reference point in the debates held within the PSI regarding the direction of the socialist struggle in Italy. To this end, the research is grounded in a documentary analysis of *Avanti!*, the party's official newspaper founded in 1896, which became one of its main instruments of propaganda, internal debate, and connection with the militant base, consistently engaged with the international political context.

**Keywords:** Russian Revolution. Socialism. Italy.

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [t205988@dac.unicamp.br](mailto:t205988@dac.unicamp.br)

**A**o abordarmos o pensamento socialista italiano do início do século XX, é crucial reconhecermos que este se estabeleceu e, sobretudo, se institucionalizou, em um momento de complexificação do cenário político nacional. As reformas eleitorais da década de 1880 e o consequente crescimento do número de partidos e associações, haviam alargado as possibilidades de participação popular, ao passo que tornavam a disputa política e ideológica mais atrativa para o grande público. Entretanto, como afirma Fulvio Cammarano (2011), tais mudanças haviam sido motivadas antes pela preocupação com o enraizamento do sistema liberal do que por ambições de política social.

2

Tomado por uma série de tensões internas, o recém-unificado Reino da Itália se via constantemente ameaçado em seu processo de consolidação. Por um lado, os crescentes movimentos republicanos e operários pressionavam o governo pela capacitação das massas para a participação política, requisito que tinham como essencial para a construção de uma nação moderna. Suas reivindicações combinavam o combate ao analfabetismo e a ampliação da educação, concebida como meio de assegurar o acesso popular à cultura política e cívica. Por outro, a nova burguesia, formada por comerciantes e industriais, exigia maior influência no sistema político, ainda dominado por elites tradicionais. De ambas as partes, as reivindicações focavam no despreparo do governo italiano em responder demandas emergentes e acompanhar o ritmo das transformações que atravessavam a Europa, perpetuando uma condição de atraso e isolamento internacional do país.

Acima de tudo, o que estava em disputa eram as próprias fronteiras da sociedade civil. Em uma verdadeira batalha política, partidos de direita e esquerda tentavam alterar os critérios de elegibilidade eleitoral, conscientes de que essa decisão não era meramente administrativa (Cammarano, 2011). Ao determinar quais grupos sociais seriam incluídos ou excluídos desse espaço, estes estariam moldando não apenas o eleitorado, mas, conseqüentemente, os resultados possíveis das eleições futuras.

Após longas discussões, concessões e barganhas, o Parlamento aprovou aquilo que, significativamente, o primeiro-ministro Francesco Crispi viria a chamar de “o sufrágio universal possível”. A possibilidade de participação foi

apresentada, assim, a todos os homens, com pelo menos 21 anos, que comprovassem uma qualificação educacional mínima de dois anos primários ou uma contribuição tributária superior a 19,80 libras anuais.

Embora o número de potenciais eleitores ainda não correspondesse a uma grande parcela da população, a mudança foi de alto impacto, marcando o primeiro passo de uma sociedade de massa embrionária. Especialmente porque veio acompanhada de uma revisão do sistema eleitoral como um todo, exigindo que as associações partidárias desenvolvessem formas modernas de propaganda e agência política.

Nesse contexto, o Partido Socialista Italiano (PSI) foi um grande exemplo de aplicação de novas formas de comunicação. Sua origem remonta a Gênova em agosto de 1892, momento em que havia sido convocado o Segundo Congresso do Partido Operário Italiano. Durante o evento, os discursos proferidos revelaram, segundo Gaetano Arfé (1965), diferenças substanciais entre a corrente socialista e as correntes anarquistas e operistas, fazendo evidente a necessidade de criação de um programa socialista próprio. A resposta aos impasses veio na aprovação de um documento de clara inspiração marxista, aceito em votação por partes expressivas dos núcleos operários organizados. Através deste, o partido socialista teve, enfim, sua doutrina caracterizada e sua particularidade teórica consumada frente a outros movimentos.

3

Com bases proletárias, o partido socialista adotou, desde o princípio, o uso da praça como uma de suas principais estratégias políticas, conforme observa Maurizio Ridolfi (1992). Paralelamente, destacou-se como pioneiro na construção de uma organização moderna, demonstrando notável habilidade em integrar e adaptar antigas práticas ao novo sistema político em formação. A grande descoberta do PSI foi saber utilizar os espaços de sociabilidade desinteressada como oportunidades de educação, especialmente para os setores mais vulneráveis da população. Logo, procurando se afastar dos moldes academicistas burgueses, incentivou formas de comunicação e organização mais abertas e igualitárias.

A busca por alcançar os trabalhadores nos seus espaços privados levou os membros do partido à criação de *Avanti!* em dezembro de 1896, ato que representou a conclusão do intenso trabalho de construção partidária, iniciado

quatro anos antes (Arfé, 1965). A ideia era que este ajudasse a estabelecer as estruturas de uma identidade socialista na qual toda a classe trabalhadora, operários e camponeses, pudesse se reconhecer, independente do contexto de exploração em que estivesse inserida. Era fundamental, nesse sentido, que o periódico evidenciasse os vínculos que os uniam enquanto partes de um grupo orgânico.

O fato é que, ao longo de toda a sua história, o PSI havia enfrentado dificuldades para estabelecer uma linguagem socialista comum, capaz de superar a substancial diferença socioeconômica entre o Norte e o Sul da Itália. Resultado de um programa estatal que priorizou o desenvolvimento industrial da região norte, enriquecendo as áreas urbanas, enquanto deixava o resto da nação preso em um sistema agrário com resquícios feudais, o quadro redefiniu as formas de exploração e organização do trabalho vigentes no período.

Paralelamente, influenciou os tipos de reivindicações que passaram a mobilizar os cidadãos. No Norte, se desenvolvia uma forte agitação orientada em direção à luta de classes, na qual os trabalhadores, predominantemente operários, buscavam redução das longas jornadas, melhorias salariais e direitos sindicais. No Sul, em contrapartida, os trabalhadores rurais, em maioria analfabetos, concentravam suas preocupações na questão da terra e na resistência à grande propriedade fundiária, demandando a reforma agrária.

As dificuldades enfrentadas pelo movimento italiano, contudo, não podem ser atribuídas apenas à fatores externos, visto que a própria estrutura do PSI, ao não delimitar claramente uma rede hierarquizada de poderes, acabou permitindo a formação de acentuados fenômenos de “personalismo” em seu interior (Cortesi, 1969). Às margens do Comitê Central, diversos núcleos de poder local ganhavam força, liderados por figuras que se apoiavam sobretudo em prestígio pessoal e vínculos emocionais, desenvolvendo suas próprias correntes ideológicas.

Nesse sentido, é necessário apontar que este texto não aborda o movimento socialista italiano em sua totalidade, tampouco tem essa pretensão, mas o analisa com base nas manifestações da sua principal instância dirigente, responsável pelas publicações do periódico. Por razões metodológicas, portanto, embora se reconheça a pluralidade de experiências e posicionamentos dentro

deste, o trabalho adota o ponto de vista específico de um grupo, cuja atuação gerou uma documentação particularmente rica e consistente em nome do partido.

Na condição de órgão oficial, *Avanti!* cobriu as ações políticas e sociais do PSI, beneficiando-se de uma estrutura sólida de coleta de informações, financiamento partidário e redes de distribuição nacional, o que lhe conferiu alcance e influência superiores aos dos jornais socialistas regionais. De perto, acompanhou a situação das greves, manifestações e protestos realizados por todo o país, dedicando-se aos temas que afetavam diretamente a vida dos trabalhadores. Para além do caráter expositivo, denunciando más condições de trabalho, violência policial aos movimentos operários e exploração da classe, também publicava poesias, textos literários e intervenções culturais, buscando ampliar o acesso da população mais vulnerável à produção intelectual da época.

Fora da Itália, os editores do jornal se empenharam na publicação de artigos críticos à intervenção italiana na Líbia, condenando o colonialismo e os custos humanos da guerra. Postura que já anunciava o seu caráter pacifista e antibelicista, assumido de maneira contundente durante a Primeira Guerra Mundial. Em paralelo, noticiavam com entusiasmo os avanços do movimento socialista nos demais países europeus, reforçando seu horizonte internacionalista de classe, sobretudo diante dos eventos que se sucederam na Rússia após fevereiro de 1917.

5

Nesse período, além de grandes expoentes dos círculos intelectuais do socialismo italiano, dois exilados russos se tornaram figuras centrais na edição do jornal, sendo especialmente encarregados de comentar o movimento revolucionário em curso em seu país de origem, como afirma Gabriella Torricelli (1967). Junto a nomes como Antonio Gramsci, Pietro Nenni, Filippo Turati e Giuseppe di Vittorio, Vasilij Suchomlin e Michail Vodovosov, que assinavam sob os pseudônimos “Junior” e “Ing”, publicaram análises regulares sobre a conjuntura russa. As contribuições desses dois autores assumem particular relevância para este trabalho, uma vez que o expressivo conjunto de comentários por eles produzido oferece uma base documental rica para responder a indagação central desta investigação.

O objetivo deste trabalho é compreender como os socialistas italianos interpretaram o conturbado processo da Revolução Russa, movidos pelo princípio internacionalista que orientava a observação atenta dos acontecimentos em Petrogrado. O recorte adotado, do início da Revolução de Fevereiro até a convocação da primeira Assembleia Constituinte, marca a passagem do colapso do regime czarista ao primeiro gesto institucional do novo governo, importante sinal de sua estabilização. Esse intervalo, caracterizado por transformações rápidas e sucessivas, não apenas redefiniu a conjuntura política russa, como também provocou uma intensa circulação de expectativas no campo socialista internacional.

6

Nesse contexto, examinar a percepção dos socialistas italianos permite entender de que modo esses atores produziram sentidos e narrativas sobre a Revolução enquanto evento de alcance mundial, interpretando a atuação dos socialistas russos como parte de uma luta global compartilhada. Suas leituras não apenas registravam acontecimentos, mas construíam a imagem de uma Rússia em avanço revolucionário, capaz de renovar vocabulários políticos, reforçar identidades partidárias e reorientar agendas no interior do socialismo europeu.

Para isso, foram analisadas todas as edições de *Avanti!* publicadas entre 16 de março de 1917, quando a Revolução é mencionada pela primeira vez no jornal, até 23 de janeiro de 1918, data da última referência ao tema no período estudado. O recorte corresponde à 287 exemplares do primeiro ano e 20 do segundo, todos disponíveis no arquivo digital da Biblioteca do Senado da República da Itália.

### **1. A Revolução Russa como esforço de massas:**

Desde que os primeiros reflexos das transformações em curso na Rússia começaram a chegar na Itália, apenas alguns dias após as primeiras manifestações populares no país, *Avanti!* procurou articular informação e análise crítica, insistindo na complexidade da Revolução de Fevereiro. A ideia, sustentada no dia 16 de março no artigo anônimo “*Lo Czar ha abdicato: La reggenza al granduca Michele*”, era que o movimento revolucionário não poderia ser reduzido a uma explicação imediata ou unidimensional.

Embora reconhecessem que as agitações de 1917 estavam inteiramente ligadas à destruição das linhas ferroviárias, que comprometera a circulação de bens e agravara o desabastecimento durante a Primeira Guerra Mundial, os socialistas italianos apontam que o movimento que se construía não era uma resposta a um problema pontual. Na realidade, nas ruas, a população teria transformado sua insatisfação em uma verdadeira contestação das estruturas de poder vigentes. Desdobramento que, ao menos para o PSI, era inevitável, uma vez que a nação já vivia há muito tempo sob a tensão de um confronto entre duas forças incompatíveis, o antigo regime autocrático-feudal e a Rússia do povo.

Apesar do tom elogioso adotado pelo PSI ao abordar a formulação espontânea dos eventos de fevereiro, sobretudo em vista do forte engajamento popular, o partido também manifestava reservas quanto à elevada margem de participação concedida aos partidos liberais. O ponto é que, como explicado por Junior em *“Gli avvenimenti politici in Russia: Il significato”*, estes teriam adentrado o movimento revolucionário na tentativa de moldar suas bases, evitando que o levante escalonasse a um confronto direto, no qual as elites burguesas poderiam perder o controle das massas. Em outras palavras, ao reconhecer sua incapacidade de conter o ímpeto popular, a liga liberal optou por infiltrar-se entre os grupos progressistas, buscando apresentar seus próprios objetivos como interesses nacionais.

7

Era esse propósito que o PSI enxergava nos esforços da Duma, antigo parlamento imperial, em se colocar como intermediária entre os “rebeldes” e o poder soberano. Sob comando de Mikhail Rodzianko, seus membros, “os maníacos da ordem e da paz interna, animados pelo desejo de salvar as instituições, lançaram um apelo ao povo implorando-lhe para que se acalmasse” (JUNIOR, 1917a, tradução nossa). Os deputados, como integrantes das frações liberais, estariam buscando medidas para abrandar, de dentro do movimento, as paixões revolucionárias. Mesmo que isso implicasse realizar, de imediato, o máximo de concessões possíveis, visto que

A burguesia russa é muito esperta. Aprenderam através da maravilha da história que é em vão opor-se com violência ao curso fatídico das coisas, que é melhor vencer o potro na corrida do que retê-lo no seu caminho. Então o Czar vai embora. Ela fica. E a revolução proletária está esgotada (DAL VECCHIO [...], 1917, tradução nossa).

Para os socialistas italianos, a performance colaborativa dos partidos burgueses, marcados pela essência feudal-reacionária da antiga classe dirigente do Império, não passava de uma representação teatral. Era necessário, portanto, que as massas russas prosseguissem com precaução, uma vez que os representantes da burguesia “não abandonarão os seus privilégios e, acima de tudo, suas terras” (Ibid., 1917, tradução nossa). Como eram historicamente inclinados a fazer, estes as trairiam quando chegasse a hora de realizar mudanças profundas.

8 A grande questão era que, por mais que a participação liberal tivesse, em certo sentido, potencializando a ação popular na Rússia, ela o teria feito às custas de aniquilar o seu potencial transformador, como afirmado em artigo anônimo de *Avanti!* no dia 19 de março, “*La situazione politica in Russia: bandiera rossa!*”. Por isso, era imperativo que as organizações trabalhistas russas se fortalecessem junto ao povo, convencendo-o de almejar mais do que a burguesia estaria disposta a lhe conceder. Naquele momento, sua condição era tão precária que, tendo apenas pães nas mãos, os trabalhadores julgaram ter obtido uma conquista relevante e “regressaram aos seus bairros miseráveis, satisfeitos com alguns dias de agitação social” (LA SITUAZIONE [...], 1917, tradução nossa), sem perceber a proporção do que haviam construído.

Nesse sentido, a compreensão que o PSI tinha da revolta que acabara de eclodir na Rússia era de que ela representava a conclusão, ou o início da conclusão, de um longo processo de luta contra um dos regimes políticos mais opressivos que a história teria conhecido, como revelado no artigo anônimo “*I precursori della rivoluzione russa*”. Continuar girando a roda revolucionária, portanto, levando-a até o seu fim, era uma forma de honrar todos aqueles que, antes deles, haviam preparado o terreno para os eventos de fevereiro.

O que poderia parecer uma perspectiva nostálgica do partido italiano, contudo, era um reflexo da própria maneira com que este entendia a revolução, como uma espécie de movimento contínuo dos operários, que somavam esforços desde o século XIX. Por mais que a burguesia russa também manifestasse certo ressentimento em relação ao governo czarista, esta teria passado anos usufruindo dos privilégios garantidos por sua aliança com o regime, ao passo que os trabalhadores, submetidos a uma realidade de aflição contínua, haviam

sustentado a luta emancipatória. Com coragem e entusiasmados em alimentar o movimento de classe que prometia renovar o mundo, os mesmos teriam enfrentado dura repressão, de modo que “muitos desses heróis e precursores não foram autorizados a viver até o dia da revolta libertadora” (I PRECURSORI [...], 1917, tradução nossa).

Em última instância, essa perspectiva alimentava, entre os italianos, a confiança na capacidade dos camaradas russos para imprimir sua autonomia no movimento revolucionário e fazer prevalecer a sua política. Afinal, se o intenso trabalho da classe trabalhadora tinha, apesar dos elevados custos individuais, se concretizado até o momento sem a ajuda da burguesia, acovardada na corte czarista, não seria agora que precisariam recorrer a ela. A ideia trazida por *Avanti!*, assim, era que os socialistas prevaleceriam, não apenas na Rússia, mas no contexto internacional.

Uma vez concretizada a emancipação operária russa, para os membros do PSI, era apenas questão de tempo até que ela extrapolasse as fronteiras do país, conforme destacado no artigo de 6 de abril, “*La luce viene dall’Oriente*”, assinado por Quidam, pseudônimo utilizado por Angelo Treves. Nessa perspectiva, a convicção italiana de que outros países seguiriam a luz que a Revolução Russa projetava no horizonte apoiava-se na ideia de que a liberdade, assim como a justiça, possuía um caráter contagiante. Ao longo da história, acreditava-se que as instituições civilizatórias haviam se irradiado gradualmente de povo em povo, sustentadas por uma rede de solidariedade indispensável entre os diferentes grupos humanos. Portanto, seguindo esta lei humana imutável, “outras nações não conseguirão permanecer comprimidas durante muito tempo nos estreitos limites das velhas instituições, quando tudo nas suas fronteiras tiver mudado e mudado para melhor” (QUIDAM [...], 1917, tradução nossa).

De modo geral, a chave da interpretação dos membros do PSI sobre a Revolução de Fevereiro residia na ideia de que as massas russas se encontravam diante da possibilidade histórica de converter seu sofrimento em uma força positiva para o mundo, concretizando as esperanças do socialismo internacional. Fato que justificava, na visão trazida por Junior em “*La lotta dei partiti in Russia*”, publicado no dia 5 de maio, a tomada do poder por parte das

organizações trabalhistas. O ato, dentro dessa lógica, não poderia ser encarado como autoritário, independente dos meios que utilizasse, visto que representaria os interesses e aspirações de uma ampla parcela do povo.

A Revolução de Fevereiro tinha despertado, para os italianos, a consciência de classe de amplos contingentes do proletariado, inclusive de segmentos tradicionalmente afastados das mobilizações políticas. A força dessa influência era tamanha que até mesmo os ministros da Duma teriam se visto obrigados a reconhecer abertamente a impossibilidade de sustentar o poder por muito mais tempo sem o apoio dos partidos socialistas. De modo que, “talvez pela primeira vez na história os valores humanos do socialismo pareçam tão indiscutivelmente persuasivos” (JUNIOR, 1917b, tradução nossa).

10

Não era momento, portanto, para que estes aceitassem ser apenas parte de um governo de coalizão. Especialmente considerando que os termos sob os quais o socialismo teria se construído e conquistado grande parte de suas bases no país, pautado pela luta antiimperialista e pelo fim da guerra, não correspondiam com as resoluções que a burguesia poderia lhes oferecer naquele momento. Meias medidas ou tentativas de reformas ministeriais parciais não seriam suficientes para contornar a situação na Rússia, uma vez que as próprias instituições revolucionárias herdariam do antigo regime, inevitavelmente, a guerra e a grave crise monetária e social dela decorrente, que afetava as classes baixas em suas condições mais elementares de vida.

Na realidade, depois de fevereiro, na leitura do PSI, a Rússia estava presa em um ciclo no qual sua capacidade destrutiva estava superando a sua capacidade de reconstruir novas estruturas políticas e econômicas no país. Entretanto, parte da culpa, atribuída por Julios Martov em 5 de junho no artigo “*I socialisti russi nel ministero di coalizione*”, era dos próprios socialistas russos. Envolvidos com maior intensidade nas greves e manifestações de rua, estes haviam deixado, espontaneamente, a burguesia livre para tomar os poderes do Estado, esvaziados pela queda do regime czarista. Por mais que, no início, confiar o governo aos partidos liberais parecesse menos arriscado do que permitir uma possível retomada da antiga nobreza imperial, o erro político acabou por aprisioná-los em um impasse, o qual seriam obrigados a superar com suas próprias forças.

Para os italianos não havia dúvidas quanto à necessidade de se discutir a tomada do poder. O debate que propunham aos camaradas russos, portanto, já não dizia respeito à sua eventualidade, mas sim aos meios e momento adequados para realizá-la. O fato é que, para além dos intensos confrontos com os ministros liberais, as organizações operárias na Rússia enfrentavam uma fração interna, diretamente ligada à questão da governabilidade. Ainda que se apresentassem formalmente como uma frente unida, estas eram compostas por diversos grupos, sendo alguns minoritários, mas igualmente responsáveis por gerar dissensos, como os anarquistas e os nacional-socialistas. O principal ponto de desencontro, no entanto, estava na divisão dentro da classe internacionalista, formada pelos mencheviques e bolcheviques.

A grande diferença entre os grupos, apontada por Ing em 24 de julho no artigo *“La grave situazione al fronte e all’interno della Russia: Borghesi e socialisti”*, era que os bolcheviques enxergavam na burguesia uma ameaça constante. Para eles, enquanto a revolução estivesse em andamento, o risco de um retorno contra-revolucionário se fazia presente. Nesse sentido, esperar qualquer colaboração da burguesia não acrescentaria nada à causa operária, representando, na prática, o único instrumento pelo qual um partido liberal poderia buscar a implementação de suas propostas. A preocupação teria levado seus líderes a adotar medidas mais rígidas, marcadas pela intransigência e recusa de diálogo com outros grupos políticos.

11

Tal radicalismo, por sua vez, era apoiado pelos membros do PSI. Estes declaravam que aqueles que acreditaram na possibilidade de uma vitória fácil, com a criação imediata de um Estado comunista na Rússia, estariam “sonhando com os olhos abertos”. Era completamente inviável esperar pela aceitação passiva das antigas aristocracias dominantes ou por uma renúncia quase voluntária das burguesias industriais e dos proprietários de terras. Contudo, era igualmente delirante que os mencheviques, enquanto socialistas, se sentissem satisfeitos por terem derrubado o czarismo, estabelecendo-se meramente como o alicerce para as bases democrático-burguesas construir o novo sistema. Na prática, “as multidões devem considerar o Governo de hoje não como o

representante legítimo das suas próprias aspirações, mas como o novo e melhor adversário que tomou o lugar do mais velho" (CONCETTO [...], 1917, tradução nossa).

Ao longo da história humana, na visão de Omero Concetto, publicada em 10 de agosto no artigo "*Diagnosi interessata*", sempre que um movimento revolucionário se encontrou em uma encruzilhada, houveram aqueles partidos entre os vencedores que renunciaram à finalidade última de seus ideais, preocupados em não se comprometer em uma disputa civil. Enquanto uma outra parte destes, permanecia fiel aos postulados pelos quais teria lutado desde o princípio, não vendo razão em desistir do seu próprio espírito rebelde até que os seus objetivos fossem completamente alcançados. Na Rússia, Lênin era aquele disposto não apenas a caminhar rumo a maior conquista possível, mas a transformar esse caminho em um ponto de passagem para todos os povos.

Exatamente por sua inflexibilidade, o movimento bolchevique se tornou o novo alvo do corrupto esquema liberal, cujas tentativas de difamação ficavam mais agressivas e desesperadas à medida que tal corrente socialista se fortalecia entre as massas, que adotavam seu programa como saída para a crise política e econômica do país. A burguesia, contudo, insistia em confundir o movimento com a figura de Lênin, reduzindo a força coletiva da corrente bolchevique à atuação de um único líder, como afirma o artigo "*Kerensky e Lenin*".

Carecendo de uma compreensão fundada no método histórico-materialista, os partidos burgueses revelavam-se, na visão dos italianos, incapazes de apreender os acontecimentos em sua totalidade, tomando as individualidades como protagonistas centrais em vez de reconhecê-las como meras expressões simbólicas de processos mais amplos. Ainda que a narrativa histórica pudesse, por vezes, se organizar em torno de certas figuras, estas não passavam de alegorias que condensavam tendências muito mais profundas do grande ator das transformações russas, a classe operária. Os membros do PSI faziam questão de afirmar que, apesar da declarada importância de Lênin na Revolução Russa, as "revoluções de natureza amplamente democrática ou proletária, foram feitas e continuam a ser feitas pelas massas trabalhadoras do povo: este é o sinal mais característico da progressividade do movimento" (ING, 1917a, tradução nossa).

Essa visão personalista equivocada, no entanto, acabava por lançá-lo a um holofote essencialmente negativo, onde era reduzido a um conjunto de atributos incoerentes com a sua trajetória. Sem qualquer prova, a imprensa internacional esforçava-se para retratar Lênin como anti-semita, embora, para o PSI, este estivesse entre os mais firmes opositores da perseguição ao povo judeu na Rússia. De maneira ainda mais grave, buscava-se moldá-lo como um conspirador a serviço da Alemanha, supostamente empenhado em enfraquecer o país diante do inimigo de guerra, ainda que fosse de conhecimento público que o mesmo havia recusado qualquer contato com agentes alemães durante sua passagem pelo país em viagem de retorno à Rússia.

Assim, o bolchevique, que ameaçava os liberais com seu admirável trabalho de liderança do movimento operário, era condenado mundialmente por delitos que não lhe cabiam. A perseguição, contudo, apenas reforçava aos italianos sua integridade, visto que era motivada justamente por seu compromisso inabalável com a causa socialista. Afinal, “sua postura intransigente e sua tenacidade contra qualquer colaboração com a burguesia tornaram-se os documentos de seu crime” (LENIN, 1917a, tradução nossa).

Durante todo o ano, *Avanti!* compartilhou e condenou diversas publicações de periódicos burgueses, acusando-as de desinformação e pretendida distorção da situação russa. Ao final de 1917, contudo, passou a trazê-las com um outro propósito. Impedidos de expressar sua opinião quanto aos eventos de outubro, com uma severa intensificação da censura do governo italiano sobre suas atividades, os socialistas passaram a replicar trechos liberais, negando as informações e análises apresentadas nestes. A ideia era transmitir sua mensagem de forma indireta, não dizendo aquilo que realmente queriam sobre os eventos russos, visto que eram impedidos, mas negando tudo o que acreditavam que a Revolução de Outubro não era.

Mesmo sempre tendo demonstrado um grande interesse nos avanços revolucionários russos, é notável a escassez de textos dedicados a esse tema depois da tomada do poder pelos bolcheviques. Das trinta edições publicadas pelo jornal em novembro, doze apresentam ao menos um artigo inteiramente ocultado, e nenhuma delas pôde ser distribuída com os textos originais, mas com grandes pedaços retirados e recortados. Nas palavras proferidas pelos mesmos,

no artigo anônimo “*Nei margini della rivoluzione russa*”, do dia 11, “colocamos à margem da revolução porque não podemos examiná-la em suas verdadeiras e profundas razões: o leitor deve compreender o esforço que estamos fazendo para não lhe servir apenas como um cheque em branco e deve tentar nos compreender” (NEI MARGINI [...], 1917, tradução nossa).

O pouco que conseguiram dizer é que estavam contentes com os recentes eventos, acreditando estarem presenciando a concretização da “verdadeira revolução”. No artigo “*L’esperimento socialista russo*”, do dia 17 de dezembro, Carlo Bertani declara a ascensão revolucionária como “o grande experimento do século”. Mesmo tendo poucas informações, devido a urgência com que escreviam do assunto, este se mostra interessado no estudo do caso. A ideia era que o trabalho do proletariado russo poderia levar a conclusões essenciais para que outros movimentos europeus fossem conduzidos ao mesmo caminho, subtraindo o poder das mãos da burguesia exploradora.

Na Rússia, os trabalhadores teriam se rebelado contra um sistema radicalmente distinto daquele vigente nos países aliados. Efetivamente, para Ambrogio Belloni, sua revolta também teria sido impulsionada pelo medo de avançar em direção a uma configuração capitalista que assombrava os proletários de outros países, e da qual seria difícil se desprender. Assim, o povo russo “extraiu da experiência de outros povos uma noção severa dos desastres que o capitalismo trouxe sobre eles e, das ruínas de seu próprio passado, aprendeu e apoiou os benefícios da propriedade coletiva” (BELLONI, 1917, tradução nossa) De modo que parecia possível, naquele momento, que a nação russa saltasse diretamente para o prometido estágio do comunismo, sem precisar vagar por décadas nas profundezas do capitalismo.

A implementação dessa nova etapa, que para a opinião pública poderia parecer um raio inesperado, para o PSI vinha, há meses, sendo cuidadosamente preparada pelo movimento bolchevique. De modo a ser percebido por qualquer observador atento e comprometido com a realidade dos fatos. A surpresa da imprensa liberal, nesse sentido, só comprovava que esta teria optado, deliberadamente, por ocultar informações de seus leitores, sustentando uma narrativa que menosprezava a importância dos socialistas e os colocavam como deslocados das massas e suas demandas.

O programa revolucionário coletivista que tentava se estabelecer na Rússia era, assim, fruto da confiança do povo no projeto bolchevique e na doutrina proposta por Lênin, que teria lhe embutido um caráter marxista pós-moderno. Tido como um homem de punho de ferro, o mesmo não teria recuado diante de nenhuma resistência, e tampouco se deixado desanimar pelos fracassos, caminhando incansavelmente em direção à sua meta. Para os membros do PSI,

Em outro ambiente, ele teria sido um grande cientista, um político digno, um pioneiro incansável da causa à qual se dedicou. Na Rússia, onde qualquer um que seja leal e corajoso necessariamente passa para a oposição, ele só poderia ser um revolucionário” (LENIN, 1917b, tradução nossa).

Sem minimizar os méritos de outros companheiros, os italianos afirmam que Lênin acabara se tornando, em parte por conta da própria burguesia, um símbolo de perseverança e a alma do movimento, contribuindo com ideias fundamentais para sua modernização e difusão entre as massas. Em plena coerência com suas convicções, havia assumido a liderança da fração mais radical do proletariado, aquela percebida pelo PSI como a que possuía maior energia revolucionária, e a fortaleceu significativamente, “dedicando-se à luta contra o oportunismo com todas as suas energias” (Ibid., tradução nossa). Nesse processo, tornou-se peça chave na criação de um sistema de propaganda e informação capaz de consolidar a orientação revolucionária do partido.

15

De modo geral, os italianos entenderam que a revolução representava o triunfo das autonomias nacionais, livremente estabelecidas sob um novo modelo socialista. Exatamente por isso que, no artigo “*La questione della nazionalità*”, Ing se encarrega de defender tal política emancipatória das críticas liberais, que acusavam-na de fragmentar a Rússia. O fato é que, pelo contrário, teria sido a centralização imperialista, perpetuada por anos pelo antigo governo, a responsável pela fragilidade estrutural do país. O czarismo, além de um regime de opressão brutal, havia se sustentado sobre um modelo de dominação nacional que subvertia forçadamente as massas e suas culturas.

A verdadeira força da nova nação russa não residia, assim, na imposição de uma unidade artificial, mas na construção de uma ordem baseada na vontade popular. A chave da compreensão do PSI, nesse sentido, era que a Rússia não deveria ser avaliada apenas por sua situação presente, mas pelo potencial que

emergiria da revolução, ainda em seus estágios iniciais. A reestruturação estatal, ancorada na autodeterminação dos povos, seria a base para um futuro sólido, no qual o progresso econômico e social substituiria a estagnação herdada do regime czarista.

### **Considerações finais:**

Na análise dos documentos produzidos pelos membros do PSI, dois aspectos se destacam: a valorização histórica e a firme ideia de que o movimento revolucionário russo poderia se transformar em algo maior. O primeiro ponto está diretamente relacionado à forma com a qual estes concebiam a própria ideologia socialista, como um processo de contínuo desenvolvimento e aprendizado. Mais do que antecipar seus desdobramentos futuros, interessavam-se pela sua construção, resultado de um longo trabalho do proletariado internacional, enriquecido com diferentes experiências pessoais.

O peso atribuído à trajetória de determinados trabalhadores militantes, portanto, não era fruto de um saudosismo romântico, mas era próprio da perspectiva do materialismo histórico, central para os socialistas italianos. Independente das condições específicas de cada época e país, a classe trabalhadora enfrentava um mesmo sistema opressor, em uma luta contínua. De modo que, mesmo àqueles que não puderam testemunhar pessoalmente a Revolução Russa, se poderia atribuir parte da construção do movimento revolucionário, ao menos em suas bases.

Tal conceitualização de um movimento socialista único, por sua vez, também estava por trás de uma segunda questão, a ideia de que este era superior às fronteiras nacionais. Por mais que respeitassem as lideranças e a autonomia dos partidos e organizações proletárias estabelecidas na Rússia, os membros do PSI consideravam o trabalho desempenhado pelos russos como uma extensão do seu próprio. Sendo a revolução, em partes, uma conquista internacional, benéfica para todo o proletariado europeu.

Em geral, fica clara uma conexão, sentida com os correspondentes socialistas na Rússia, bem como em outros países, que não se estabelecia com os próprios compatriotas burgueses, duramente criticados no periódico. Apesar da

grande distância física os separando destes primeiros, encontravam neles os mesmos princípios e ideologias, muito diferente do que viam nos partidos liberais italianos, ainda que vivendo na mesma realidade.

Na prática, *Avanti!* funcionou como um espaço para expressar a aversão socialista à imprensa liberal, frequentemente expondo seus artigos com intuito de questionar a qualidade da análise produzida e a veracidade das informações apresentadas. Embora a interação e citação entre jornais fossem estratégias comuns, a prática assumiu uma função especial nos momentos de intensificação da censura. Nesse contexto, negar as informações e argumentos trazidos pela imprensa burguesa se mostrou uma forma de contornar o sistema e, ainda que de maneira indireta, garantir que suas vozes não fossem silenciadas.

Em 1917, a Itália era governada por uma monarquia constitucional, composta pelo rei Vítor Emanuel III e o Primeiro-Ministro Paolo Boselli que, em meio a Primeira Guerra Mundial, se propôs a liderar um governo de coalizão. Sob o comando destes, visando suprimir informações consideradas subversivas e moldar a opinião pública em favor do esforço militar, estabeleceu-se um sistema de censura, administrado por autoridades civis e militares. O aparelho atuava de maneira ampla, interferindo em diferentes meios de comunicação, como jornais, revistas e publicações políticas, especialmente os alinhados ao internacionalismo e à defesa da paz, comprometendo de forma significativa as campanhas socialistas. Sem conseguir, no entanto, impedir que os membros do PSI expressassem suas opiniões.

Para garantir a preservação da segurança de algumas lideranças partidárias, a grande maioria dos textos de *Avanti!* foi publicada de modo anônimo, fato que se alinhava à proposta do jornal de produção coletiva. Tratava-se de uma perspectiva que colocava a mensagem acima de quem a redigiu, evitando valorizações personalistas que pudessem ofuscar a luta coletiva. A questão advinha especialmente do fato do socialismo se apresentar como um movimento de massas, no qual cada trabalhador, militante ou ativista possuía o mesmo valor dentro da grande luta política. Este não poderia, portanto, depender de certas figuras, mas de um esforço cooperativo coordenado. Durante o período latente de construção da Revolução Russa, no entanto, a

autoria de Junior e Ing foi reconhecida em diversos momentos, servindo como uma forma de demonstrar credibilidade nas análises, feitas por aqueles com maior conhecimento empírico do cenário político e social em debate.

É claro que o PSI não ignorava a existência de figuras socialistas que haviam, naturalmente, assumido um local de destaque perante o povo, mas ao reconhecê-las não o faziam por seu prestígio ou atributos pessoais, mas pelo papel desempenhado no contexto de classe, a exemplo de Lênin. Mesmo entre os exaltados mártires russos, não há qualquer menção a características físicas ou de personalidade, sendo estes definidos pelos seus feitos, enquanto importantes porta-vozes do proletariado. Na prática, os italianos afirmam que o destaque atribuído a alguns nomes, incluindo aqueles que estavam ativamente envolvidos na construção da Revolução, se dava exclusivamente pela habilidade de concentrar em si a vontade popular, merecendo tal reconhecimento somente na medida em que se dispunham a trabalhar para sua concretização.

18

**\*Tarsila Mei Antunes** é Doutoranda em Ciência Política no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UNICAMP. Mestra em Ciência Política e Bacharela em Ciências Sociais pela mesma instituição. Atualmente é membro pesquisador do Laboratório de Pensamento Político.

**Contato:** [t205988@dac.unicamp.br](mailto:t205988@dac.unicamp.br)

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5389034608655675>

**Orcid:** <https://orcid.org/0009-0009-9505-2156>

Recebido em: 13/06/2025

Aprovado em: 18/12/2025

Editor de texto: Sandro Adams  
Editor-Chefe Discente: Sandro Adams

Como citar este texto: ANTUNES, Tarsila Mei. A representação da Revolução Russa na imprensa socialista italiana. **Perspectivas Sociais**, vol. 12, n. 01, e1229395, 2026.

## Referências bibliográficas

- ARFÉ, Gaetano. **Storia del Socialismo Italiano**. 1892-1926. Torino: Einaudi, 1965.
- BELLONI, Ambrogio. “Del marxismo in Russia”. **Avanti!**. Milão, n.362, 31 dez. 1917.
- CAMMARANO, Fulvio. **Storia dell'Italia liberale**. Roma: Laterza, 2011.
- CONCETTO, Omero. Diagnosi interessata. **Avanti!**. Milão, n.220, 10 ago. 1917.
- CORTESI, Luigi. **Il socialismo italiano tra riforme e rivoluzione**. Dibatti congressuali del Psi 1892-1921. Bari: Laterza, 1969.
- DAL VECCHIO al nuovo regime in Russia: l'azione proletaria. **Avanti!**. Milão, n.77, 18 mar. 1917.
- ING. Kerensky e Lenin. **Avanti!**. Milão, n.210, 31 jul. 1917a.
- ING. La grave situazione al fronte e all'interno della Russia: Borghesi e socialisti. **Avanti!**. Milão, n.203, 24 jul. 1917b.
- I PRECURSORI della rivoluzione russa. **Avanti!**. Milão, n.84, 25 mar. 1917.
- JUNIOR. Gli avvenimenti politici in Russia: Il significato. **Avanti!**. Milão, n.76, 17 mar. 1917a.
- JUNIOR. La lotta dei partiti in Russia. **Avanti!**. Milão, n. 123, 5 maio. 1917b.
- LA SITUAZIONE politica in Russia: bandiera rossa!. **Avanti!**. Milão, n.78, 19 mar. 1917.
- LENIN. **Avanti!**. Milão, n.201, 22 jul. 1917a.
- LENIN. **Avanti!**. Milão, n.305, 18 dez. 1917b.
- LO CZAR ha abdicato: La reggenza al granduca Michele. **Avanti!**. Milão, n.75, 16 mar. 1917.
- MARTOV, Julios. I socialisti russi nel ministero di coalizione. **Avanti!**. Milão, n.154, 5 jun. 1917.
- NEI MARGI della rivoluzione russa. **Avanti!**. Milão, n.313, 11 nov. 1917.
- QUIDAM. La luce viene dall'Oriente. **Avanti!**. Milão, n.96, 6 abril. 1917.
- RIDOLFI, Maurizio. **Il PSI e la nascita del partito di massa (1892-1922)**. Roma: Laterza, 1992.
- TORRICELLI, Gabriella. La rivoluzione russa e i socialisti italiani nel 1917-18. **Studi Storici**, Roma, v.8, n° 4, p. 727-765, out-dez 1967.